

A memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles

The memory of the Azores in Cecilia Meireles' writings

Ana Maria Lisboa de Mello

PUCRS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O artigo visa discutir sobre a herança açoriana de Cecília Meireles. De um lado, a escritora recuperou o legado familiar transmitido pela avó materna e a memória coletiva dos ilhéus, projetada no folclore, área de interesse de pesquisa da escritora, que escreveu *Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de São Miguel* (1958) e *Notas do Folclore Gaúcho-Açoriano* (1968). De outro, Cecília Meireles transfigurou a insularidade e os elementos marítimos em símbolos que aludem aos sentimentos do exilado, ao sonho de regresso e à ânsia por uma realidade absoluta. Fechamento e introspecção, apego à terra e, ao mesmo tempo, abertura e impulso para a viagem são movimentos característicos do ilhéu.

Palavras-chave: Açores; herança; Folclore; Memória; Cecília Meireles

Abstract: The present paper aims to discuss about the Azorean legacy of Cecília Meireles. On the one hand, the writer reclaimed her family heritage passed on by her maternal grandmother and the collective memory of the islanders, expressed in the folklore, her primary research area of interest. She wrote *Panorama Folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de São Miguel* (1958) and *Notas do Folclore Gaúcho-Açoriano* (1968). On the other, Cecília Meireles transformed isolation and marine elements into symbols alluding to feelings of being exiled, to the dream of returning and to yearning for an absolute reality. Closure and introspection, a bond with the land and, at the same time, openness and the impulse to travel are characteristic of the islander.

Keywords: Azores; Legacy; Folklore; Memory; Cecília Meireles

Órfã aos três anos de idade, Cecília Meireles é educada no Rio de Janeiro pela avó materna de origem açoriana – Jacinta Garcia Benevides. Desde cedo se interessa por Portugal, escritores portugueses e folclore açoriano, despertada pelas memórias da avó, e incorpora ao seu imaginário a condição insular e a presença do mar, que sugere mistério, profundidade, longas e difíceis travessias, em uma linguagem simbólica que se torna mediadora de reflexões de teor metafísico.

Sobre o conhecimento do folclore açoriano, transmitido pela avó, observa Cecília: “... minha avó, com quem fiquei, depois de perder minha mãe, sabia muitas coisas do folclore açoriano, e era muito mística, como todos os de São Miguel”.¹ Esse legado possibilita à escritora desenvolver estudos e comparações entre o folclore do Arquipélago português e o folclore dos imigrantes açorianos do sul do Brasil. A curiosidade e os estudos sobre a cultura popular dos Açores estendeu-se

à cultura popular brasileira, transmitida pela babá Pedrina, que narra à menina Cecília histórias “do Saci e da Mula-sem-cabeça (que ela conhecia pessoalmente)”². Falando da magia de sua infância, a escritora dá um lugar especial à Pedrina, em sua formação, afirmando: “Minha pajem [...] foi a companheira mágica da minha infância. Ela sabia muito do folclore do Brasil, e não só contava histórias, mas dramatizava-as, cantava, dançava, e sabia adivinhações, cantigas, fábulas etc.”³

Esse movimento em direção à cultura popular brasileira dá origem, em 1933, à Exposição *Batuque, samba e Macumba: Estudos de gesto e de ritmo* (1926-1934)⁴, em que, através de seus próprios desenhos e aquarelas,

¹ MEIRELES, op. cit., p. 83.

² MEIRELES, Cecília. Notícia Biografia. In: *Poesia Completa*. Org. por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 81.

³ *Ibid.*, p. 83.

⁴ Exposição publicada pela FUNARTE em 1983, que já havia sido editada em *Separata de Mundo Português*, em Lisboa, 1935.

expõe os ritmos do batuque e do samba, a indumentária e mitologia africana.

A avó materna desperta também, na formação de Cecília Meireles, a curiosidade em relação à Índia e ao Oriente como um todo: “foi ela quem me chamou a atenção para a Índia, o Oriente”, declarou a escritora ao entrevistador Pedro Bloch⁵ em 1964. A fascinação pela cultura indiana revela-se nos *Poemas escritos na Índia* (1953) e nas crônicas de viagem à Índia.

Os contatos e amizades de Cecília Meireles com escritores portugueses levam-na a desenvolver estudos, a dar conferências e a organizar a antologia *Poetas novos de Portugal*, em 1944. Publica, também, *Panorama folclórico dos Açores, especialmente da ilha de São Miguel*, em 1958, voltado ao estudo sobre folclore açoriano, e mantém correspondência, durante 28 anos, com um escritor português, dos Açores, publicada no livro *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, para que escreve em carta de 29/01/1946: “É maravilhoso conversar-se por cima do mar. Como dois búzios”.⁶ Esse conjunto de cartas revela muito da memória dos antepassados de Cecília e “reabre” aquilo que Celestino Sachet afirma, na Introdução do livro, o “Diálogo da Açorianidade entre os dois lados do Atlântico”.⁷ A escritora manteve, também, correspondência com outros escritores portugueses, do continente e do arquipélago, entre os quais os escritores Vitorino Nemésio, José Osório de Oliveira, Maria Valupi, Fernanda de Castro, João de Barros, João Afonso, Adolfo Casais Monteiro, Jaime Cortesão.

Na antologia, publicada em 1944, acima referida, Cecília Meireles escreve um alentado e generoso Prefácio para o leitor brasileiro, para introduzi-lo nas tendências da poesia portuguesa da primeira metade do século XX, seleção que conta com alguns poetas hoje bem conhecidos, entre os quais Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Vitorino Nemésio. A escritora explica os critérios de seleção de poemas e autores e vê, nessa geração portuguesa, um poder da crítica e autocrítica, que considera “decorrência de tão ousadas investigações psicológicas a que nos tem arrastado o estudo do homem e da vida”.⁸ Do açoriano Armando Côrtes-Rodrigues constam dois poemas. Um deles, intitulado “Só”, alude à condição de ilhéu, com seu horizonte marítimo, e à religiosidade do povo açoriano. Vejamos as duas primeiras estrofes:

O mar da minha vida não tem longes.
É tudo água só! E o horizonte
Funde-se no céu. Por sobre a ponte
Marcha sinistra a procissão dos monges.
Velas acesas, opas, ladainhas,
E o rio deslizando para o mar,
e as raparigas vêm à tardinha
Buscar à fonte a água, sem cantar.⁹
[...]

Em Cecília Meireles, o legado familiar, transmitido pela avó, torna-se constitutivo de sua formação, de tal modo que se pode dizer que a escritora parece situar-se em um entre-lugar, já que a condição de brasileira, nascida e educada no Rio de Janeiro, é partilhada com a herança açoriana, que está na base de toda a sua formação, como um lastro a sustentar a construção interior. Ao visitar pela primeira vez os Açores, em 1951, ela declara:

Se me perguntarem o que me traz aos Açores, apenas posso responder: a minha infância; o romanceiro e as histórias encantadas; a Bela Infanta e as bruxas; as cantigas e as parlandas; o sentimento do mar e da solidão; [...].

Minha vinda a estas ilhas é como um regresso, uma visita familiar, um acto de ternura.¹⁰

Na Introdução ao *Panorama Folclórico dos Açores*, dedicado a Armando Côrtes-Rodrigues, Cecília revela a sua preocupação em preservar a memória cultural dos imigrantes açorianos. Observa que a intenção inicial seria fazer um estudo sobre o folclore das ilhas e o de Santa Catarina, comparando as versões das cantigas, parlandas e outras manifestações culturais, mas diante da dificuldade de realizar esse cotejo, opta por apresentar, nesse pequeno livro, elementos do “cenário” do Arquipélago, da “vida material” (habitação, trajes, alimentação, crenças), “vida social” (direito, propriedade, festas tradicionais), “vida psíquica” (religiosidade, superstições), “vida estética” (música, dança, cantigas), “vida intelectual” (literatura oral, teatro popular, cancionero). Eis o que comenta a escritora, na abertura do livro, a propósito da memória dos imigrantes, do que considera a “presença insular na formação brasileira” e do seu projeto de investigação:

Creio que nós, descendentes de açorianos, no momento em que se celebra o fato da colonização, devemos lembrar os velhos hábitos familiares trazidos para o Brasil, e estudar a sua fixação no novo ambiente.

Justamente pretendia esta **Memória** ser uma exposição comparada do folclore das Ilhas com o de Santa Catarina. Grandes dificuldades impedem, por enquanto, a realização desse trabalho, que viria revelar afinidades, consanguinidades de espírito, sentimento da nossa continuação no passado, que é o modo de se

⁵ BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989. p. 34.

⁶ In: SACHET, Celestino (Org.). *A lição do poema: Cartas de Cecília Meireles a Armando Cortes-Rodrigues*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998, p. 3.

⁷ SACHET, Celestino. *Ibid.*, p. IX.

⁸ MEIRELES, Cecília. Prefácio. In: MEIRELES (Org.). *Poetas novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1944. p. 20

⁹ *Ibid.*, p. 89.

¹⁰ MEIRELES, apud GOUVEIA, Margarida Maria. *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles: a Ilha Ancestral*. Portugal: Fundação Eng. Antonio de Almeida/ Casa dos Açores do Norte, 2001. p. 97.

fortalecer um povo no seu destino, como se chega terra à planta para consolidá-la e garantir-lhe vida.¹¹

Na descrição do “Cenário”, Cecília convida o seu leitor a visualizar mentalmente o mapa dos Açores, os “nove pontos” no meio do Atlântico, a colocar-se no lugar do ilhéu com o mar em redor. Tece comentários também sobre a vocação do mar de levar os ilhéus, uns para a morte, outros para lugares distantes:

Olhamos o mapa e vemos nove pontos. Nenhum pormenor é avistável. O Atlântico envolve tudo. Assim na vida do ilhéu: o mar é quase o verdadeiro cenário. Anda em redor dele. Fala-lhe em praias contínuas. Estremece-lhe os barcos. Fatalmente leva-lhe algum parente, já é próprio do mar, – segundo a superstição – alimentar-se cada dia de alguma criatura viva. Leva-os, mesmos vivos, também para longe. E pode ser que não tornem, seduzidos por outros lugares.¹²

Para a escritora, os açorianos convivem com o perigo do mar, assustador e imprevisível, e com a solidão, sugerida pela própria situação do arquipélago em meio ao Atlântico. Eis algumas das quadras populares, em redondilha maior, que aludem à presença do mar, à paisagem rochosa e às inquietações provocadas pelo mar:

Nasci nas praias do mar,
Nas areias me criei
Dormi à bulha das ondas,
Sobre as vagas me embalei. (Ilha de São Miguel)¹³

O mar pediu a Deus peixes
Para andar acompanhado;
Quando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado? (Ilha de São Miguel)¹⁴

Moro em cima da rocha,
Onde o mar sinto bater;
Ausente dum bem que adoro,
Antes queria morrer. (Ilha Terceira)¹⁵

Essas e outras quadras são apresentadas por Cecília, com reflexões que remetem às características do cenário, onde o ilhéu, com pés sobre rochas vulcânicas, vislumbra apenas o oceano ao redor e o céu por cima:

O mar, em volta. A rocha vulcânica em baixo dos pés. Sobre uma grande concha líquida que o cerca, e onde a terra é uma pequena pérola, – a outra grande concha – aérea! – do céu. Concha de brumas, nesse estranho clima, aumentando a incerteza do cenário.¹⁶

O escritor açoriano Vitorino Nemésio sublinha a condição de isolamento dos habitantes dos açorianos e assinala o quanto a geografia é importante no espírito do ilhéu, tanto quanto a sua história:

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma forma quase religiosa de convívio com quem não teve fortuna de nascer, como o *logos*, na água.

[...] A geografia, para nós, vale tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento dos relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.¹⁷

O mundo sentimental dos açorianos revela-se em versos populares, em que os elementos da natureza servem de recursos para estabelecer comparações e traduzir os conflitos e desejos:

O vento vai murmurando
Por entre os laranjais;
Aos amantes vai levando
Duns aos outros os seus ais. (Ilha de São Miguel)

No subitem de “Vida Intelectual”, intitulado “Cancioneiro”, Cecília Meireles estabelece algumas comparações entre as cantigas açorianas, publicadas por Armando Côrtes-Rodrigues e as versões brasileiras, muitas do Rio Grande do sul. Vejamos um exemplo:

As águas são corredias,
Correm por baixo do chão:
Por ditoso te acharias
Bebendo-as da minha mão (Ilha de São Miguel)¹⁸

Águas claras correntias
Correm por baixo do chão;
Por ditoso me daria
Beber água na tua mão (Rio Grande do Sul)

Em carta a Côrtes Rodrigues, Cecília comenta sobre uma quadrinha que está no *Cancioneiro*¹⁹, sob o nº 29, que ela teria ouvido muitas vezes ser murmurada por sua avó, “com variantes no primeiro e terceiro versos”:

Meu arvoredado sombrio,
Não digas que eu aqui vim,
Não quero que o meu bem saiba
Partes ni novas de mi.²⁰

¹¹ MEIRELES, Cecília. *Panorama Folclórico dos Açores. Especialmente da Ilha de São Miguel*. Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura. Edição Comemorativa da 10ª Aniversário da Fundação da Comissão Gaúcha de Folclore, 1958. p. 6 (grifo da escritora).

¹² *Ibid.*, p. 6.

¹³ *Ibid.*, p. 6.

¹⁴ *Ibid.*, p. 7.

¹⁵ *Ibid.*, p. 7.

¹⁶ *Ibid.*, p. 7.

¹⁷ NEMÉSIO, Vitorino. “Açorianidade” [1932]. In: ROSA, Eduardo Ferraz (org.). *Açorianidade e autonomia. Páginas Recolhidas*. Porto Alegre: Ponta Delgada, 1989. p. 13-14.

¹⁸ Op. cit., nota 9, p. 56.

¹⁹ CM refere-se ao “Cancioneiro açoriano” (manuscrito), de Armando Côrtes-Rodrigues. In: Carta III, de 12 de março de 1946. In: Op. cit., nota 6, p. 6. Na bibliografia do autor, consta a obra *Cancioneiro Geral dos Açores*.

²⁰ *Ibid.*, p. 6.

A escritora escreve ainda na mesma carta:

Esta quadra coseu muita roupa minha, e é como um objeto familiar que me acompanha. Hei de ver se lhe mando muitas variantes de muitas dessas quadras, bem como dos seus adágios e daquelas parlandas e rimas infantis que um Sr. Goulart publica num dos números da *Insulana*.²¹

No livro *Morena, Pena de Amor*, de 1939, composto de cento e vinte e nove poemas, Cecília Meireles recupera o ritmo e musicalidade das quadras populares açorianas acima citadas. O título alude à gente morena, como “Buda, Jesus e Maomé”, gente “que viveu de fé e morreu de pena”²². Morenos são os povos do Oriente, próximo e distante, referência que ratifica a influência da avó. Vejamos o Poema 9:

Quem nasceu mesmo moreno,
Moreno de vocação
Gosta de mar e sereno,
De estrela e de violão.

Poderá gostar de alguém,
Porém
Nunca deixa a solidão.²³

Em muitos poemas deste livro, o cenário insular reaparece, tal como nas quadrinhas açorianas, citadas no livro *Panorama Folclórico dos Açores*. No poema seguinte, ilhas, água, espuma, areia e pedra estão no campo lexical empregado pelo Eu-lírico para situar o seu *locus* existencial, sugerir a solidão e o diálogo com o mar, que deixa recados na areia, e sublinhar a condição de “morena”:

19

Por todos os lados,
o mar me rodeia;
me deixa recados
escritos na areia.

Das águas sou filha:
nasci de um beijo de espuma
em redor de alguma
Silenciosa ilha.

Maravilha, maravilha
da espuma em pedra serena:
a água nos meus olhos brilha,
da pedra é que sou morena.²⁴

A quadra abaixo guarda o encanto e a musicalidade de versos populares, afirmando novamente a estirpe morena, fadada ao sofrimento e com vocação para o canto:

30

Todos dizem que têm penas,
Mas nem sempre cantam bem.
Para sofrer – só morenas
Para cantar – mais ninguém.²⁵

A vocação para o “canto” é retomada na quintilha seguinte:

39

Morena de qualidade,
morena de condição,
invento a felicidade
dizendo sempre a verdade
mas dentro de uma canção.²⁶

A quadra 47 sugere uma das qualidades da gente morena, a de constância no amor:

Descansa, peito sereno,
Que disto ninguém duvida:
Quem teve um amor moreno
Teve amor por toda vida...²⁷

No poema seguinte, de Cecília Meireles, percebe-se a musicalidade dos versos, a sonoridade das rimas e a simplicidade dos motivos, ligados à morte e ao encontro amoroso:

68

O bem da gente morena
É não ter medo da morte
A vida é sempre pequena,
Tanto se aumente ou se corte...

Vê se me escutas onde estiveres,
Que a minha voz é baixinha,
E, entre a das outras mulheres,
Quase não se escuta aminha.

Vê se me escutas, que eu falo pouco,
que sou da morena gente,
E o meu sonho andava rouco
De cantar inutilmente...²⁸

Os pequenos poemas, monostróficos, composto de quatro versos, chamados de trova na classificação das subespécies líricas, condensam sentimentos, pontos de

²¹ *Ibid.*, p. 6

²² MEIRELES, Cecília. *Morena, pena de amor*. In: *Morena, pena de amor; Nunca mais... e Poema dos poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1973. p. 25.

²³ *Ibid.*, p. 7.

²⁴ *Ibid.*, p. 17.

²⁵ *Ibid.*, p. .

²⁶ *Ibid.*, p. 14.

²⁷ *Ibid.*, p. 16.

²⁸ *Ibid.*, p. 23-4.

vista, fáceis de memorizar, são os preferidos do gosto popular:

120

O tempo que foi passado
Tinha que passar – passou.
Mas o amor mal empregado,
Ah! Por que mal se empregou?²⁹

Os versos de Cecília Meireles em *Morena, Pena de Amor*, construídos com variedade métrica, sugerem seguidamente a singeleza, a ingenuidade e a musicalidade das canções (*lied, lieder*) populares alemãs, com motivos extraídos do convívio humano e uma força sonora que contribui para a sua memorização. O motivo, conforme Kayser, “é uma situação típica, que se repete, e, portanto, cheia de significado humano.”³⁰ Na lírica, os motivos são “situações significativas”³¹, como o amor, “a corrente do rio” (aludindo à passagem temporal), “o túmulo”, “a noite”, “a despedida”.

Emil Staiger comenta, em *Conceitos fundamentais da poética*, que para Goethe uma grande obra não poderia ter motivos insignificantes: “ninguém pensa, entretanto, que a verdadeira força de uma poesia está na situação, em seus motivos”.³² Staiger contrapõe-se a essa exigência do escritor, observando que as composições curtas do próprio Goethe, dos seus primeiros anos de Weimar, possuem uma sutil flexibilidade métrica que não se adapta a esquemas de metro rígidos e, por isso, fica protegida de plágio.³³ Para o teórico alemão da lírica: “um motivo insignificante pode adquirir em linguagem lírica o valor de uma obra artística do mais alto nível”.³⁴

O conjunto dos poemas que compõem o livro de Cecília *Morena, Pena de Amor*, numerados de 1 a 129, dos quais cinquenta e cinco são trovas ou quadrinhas populares, conservam a musicalidade das canções populares açorianas, trazidas e recriadas no Brasil. Ao mesmo tempo, recuperam os motivos marítimos e o cenário da poesia popular dos ilhéus: “[...] O mar largo é o nosso leito,/ o luar, nosso lençol./ Quero meu sono em teu peito/até vir a luz do sol.”³⁵ A condição de “morena”, reiteradamente retomada pelo eu-lírico, assinala as diferenças com a “gente de outros matizes”³⁶ e traduz uma sensibilidade singular, constante no amor, conformada com as perdas (Poema 7), paciente (Poema 34) religiosa (Poema 75), dada a uma certa “loucura”, advinda do seu estranhamento no mundo (Poema 57), com vocação para o mar (“Quem nasceu mesmo moreno,/ moreno de vocação, gosta de mar e sereno,/ de estrela e violão”).

A memória dos Açores, com sua geografia, tradição oral e religiosidade, transmitida pela Avó, transfigura-se nos versos de Cecília, para ganhar um sentido simbólico. Na sua produção lírica, a “linguagem náutica” forma um

campo lexical associado ao mar (areia, corais, sereias, conchas, barcos, viagem...) que se transfigura em símbolos para aludir ao incognoscível, ao misterioso e ao metafísico, poder simbólico que a poeta deixa explícito no poema “Périplo”, do livro *Mar Absoluto e outros poemas* (1945), construído em estrofes de dois versos (dísticos), do qual que transcrevemos uns excertos:

Minha é a deserta solidão, clara e severa,
onde respiro amanheceres seculares.

Meus navegantes, meus remotos pescadores...
Óleo, sal, redes, altivez de densas brumas...

Olho das barcas que sem pálpebra buscaram
Entre sereias e medusas sua Estrela.

Graves cabeças modeladas por vento amplo,
Rijos destinos, obedientes a onda e céu.
[...]

Deus-Mar! Por ti vimos o Eterno e a Variedade:
a ti pedimos o que deste e o que negaste.
[...]

Deus-mar, tranquilo, e inquieto, e preso e livre, antigo
E sempre novo – indiferente e suscetível!

Em cada praia deste mundo te celebram
Os que te amaram por naufrágios e vitórias,

*E religiosos se renderam, convencidos,
À lição tácita dos símbolos marítimos.*³⁷

A ilha de São Miguel, onde nasceram sua mãe e sua avó, torna-se, no imaginário de Cecília Meireles, a ilha do Nanja, “transfigurada pelo sonho”, conforme depoimento da escritora na citada entrevista a Pedro Bloch.³⁸ Essa Ilha do Nanja surge também em poemas, como “Pastoral V”, dos *Poemas de Viagens*:

Na Ilha que eu amo,
na Ilha do Nanja, que eu tenho no meio do Atlântico,
há veredas de hortênsias,
lagos de duas cores,
nascentes de água fria, morna e quente.
Doce Ilha que foi de laranjas
E hoje é de ananases!
Ilha do Nanja³⁹
[...]

²⁹ Ibid., p. 119

³⁰ KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária* (Introdução à ciência da literatura) Lisboa: Armênio Amado, 1967. v. 1, p. 83

³¹ Ibid., p. 86

³² Goethe apud STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 25.

³³ Ibid., p. 26.

³⁴ Ibid., p. 25.

³⁵ MEIRELES, Cecília. Op. cit., nota 22, p. 39.

³⁶ Ibid., Poema 10, p. 7.

³⁷ MEIRELES, Cecília. Périplo. In: op. cit., nota 2, p. 347 (grifamos).

³⁸ Op. cit., nota 5, p. 33.

³⁹ Op. cit., nota 2, p. 1310-11.

E nas crônicas intituladas “A Ilha do Nanja”, “Natal na Ilha do Nanja”, “Férias na Ilha do Nanja”, “Saudades da Ilha do Nanja”, que caracterizam esse *locus* paradisíaco, feito de “Termas”, com “emanações vulcânicas a subirem do chão”; “Sossego” - à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque”; “Poesia”, com moças cantando “em seus teares, em suas casas de pedra”[...] sem saberem que aquilo se chama folclore”.⁴⁰ Na primeira das crônicas citadas, Cecília revela que só uma vez havia visitado a Ilha de São Miguel – a do Nanja – mas a sente como uma “propriedade remota”:

Apenas uma vez visitei a minha Ilha – herança obscura, propriedade remota, inalienável, usufruto dos outros, já que a julgam sua, que não sabem da minha pessoa nem dos meus títulos. A Ilha, porém, é totalmente minha, por um direito mais decisivo e profundo que o das fórmulas jurídicas.⁴¹

E, no final da crônica, autora aponta para o funcionamento da memória, que guarda vestígios do acontecido, mas mistura-se à imaginação e ao simbólico, entrelaçando

nomes truncados, histórias confusas, coisas sonhadas que se misturam às vividas ou apenas desejadas. Assim por cima da Ilha; assim por dentro dela; essas navegações, essas sereias, esses monstros... E a memória de tudo isso, indelével em suas contradições e em seus impossíveis: a Ilha do Nanja! [...] A minha Ilha, naquele Oceano!⁴²

Em “Saudade da Ilha do Nanja”, a cronista projeta na Ilha os seus sonhos de refúgio, vislumbrada como um paraíso, “lugar sem melancolia nem inquietação: uma taça de flores no Atlântico, uma concha de nácar”.⁴³ A Ilha configura-se como um “exílio feliz”, um lugar para se refugiar das vozes humanas, que já não inspiram confiança. E surge a pergunta: “Que vozes tremendas se fizeram ouvir, em redor de mim, para que o grave som do mar, sereno ou áspero, me pareça mais aprazível, e o seu verde anel de solidão me inspire uma confiança que vou perdendo pelos arredores humanos?”⁴⁴

Cecília habita em sonhos a Ilha do Nanja, recria a cultura de seus antepassados, oriundos de São Miguel, transfigura os elementos marítimos, tão presentes no imaginário açoriano, em símbolos mediadores de diálogos

com uma dimensão transcendente. A escritora não só movimentou-se na direção de Portugal, estabelecendo laços de amizade com muitos escritores portugueses, dos Açores e do continente, como atestam as correspondências já publicadas em livros e revistas, mas também divulgou no Brasil a cultura e a literatura portuguesas, através de conferências e livros, entre os quais os apontados no início deste texto. A escritora, durante toda a sua vida, mantém uma ligação constante com Portugal, conexão que muitos escritores brasileiros, sobretudo no século XX, evitaram estabelecer por questões políticas, opção certamente empobrecedora do diálogo lusófono entre os “dois lados do Atlântico”.⁴⁵

Referências

- BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.
- GOUVEIA, Margarida Maria. *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles: a Ilha Ancestral*. Portugal: Fundação Eng. Antonio de Almeida/ Casa dos Açores do Norte, 2001.
- MEIRELES, Cecília. Morena, pena de amor. In: *Morena, pena de amor; Nunca mais... e Poema dos poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1973.
- MEIRELES, Cecília. *Panorama folclórico dos Açores*. Especialmente da Ilha de São Miguel. Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura. Edição Comemorativa da 10ª Aniversário da Fundação da Comissão Gaúcha de Folclore, 1958.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Org. por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MEIRELES, Cecília. Prefácio. In: MEIRELES. (Org.). *Poetas novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1944.
- MEIRELES, Cecília. *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MEIRELES, Cecília. *Samba, batuque e macumba: estudos do gesto e de ritmo (1926-1934)*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ CREFISUL, 1983.
- NEMÉSIO, Vitorino. Açorianidade [1932]. In: ROSA, Eduardo Ferraz (Org.). *Açorianidade e autonomia*. Páginas Recolhidas. Porto Alegre: Ponta Delgada, 1989.
- SACHET, Celestino (Org.). *A lição do poema: Cartas de Cecília Meireles a Armando Cortes-Rodrigues*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

⁴⁰ MEIRELES, Cecília. Férias na ilha do Nanja. In: *O que se diz e o que se entende*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 27-28.

⁴¹ MEIRELES, Cecília. A Ilha de Nanja. In: *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 108

⁴² Ibid., p. 109.

⁴³ Ibid., p. 114.

⁴⁴ Ibid., p. 114.

⁴⁵ SACHET, op. cit., nota 7.

Recebido: 08 de outubro de 2012
Aprovado: 22 de outubro de 2012
Contato: ana.lisboa@puers.br